

Discursividades nacionais, processos de musealização e diversidade sexual e de gênero: a “excepcionalidade” na/da Costa Rica

Fabiano Gontijo¹
Universidade Federal do Pará

Resumo: O Museu Nacional da Costa Rica apresenta algo inusitado na última sala da exposição permanente sobre a história do país: painéis e imagens referentes aos direitos conquistados naquele país por pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, transgêneras e outras possibilidades dissidentes. Em busca por modos de denunciar os mecanismos, dispositivos, tecnologias, estratégias e símbolos que naturalizam o binarismo de gênero, o dimorfismo sexual e a heterossexualidade compulsória (e hierarquias raciais, opressões de classe, extremismos religiosos, etc), por meio dos museus nacionais, deparei-me, assim, na Costa Rica, com essa “exceção” em relação a outros museus nacionais, nos quais, geralmente, a narrativa nacional oficial musealizada tende a ocultar a diversidade sexual e de gênero em prol da heteronormatividade. Esboçarei aqui algumas reflexões sobre as relações entre a construção de ideologias nacionais, os processos de musealização e a crítica à heteronormatividade a partir de pesquisa realizada na Costa Rica entre 2021 e 2022.

Palavras-chave: diversidade sexual; nacionalismo; museus; biopolítica; América Central.

¹ Doutor em Antropologia, École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), França. Professor Titular da UFPA. Bolsista de Produtividade, Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

National Discursive Formations, Processes of Musealization and Sexual and Gender Diversity: the “exceptionality” in/of Costa Rica

Abstract: The National Museum of Costa Rica presents something unusual in the last room of the permanent exhibition on the country’s history: panels and images referring to the rights achieved by lesbian, gay, bisexual, transsexual, transgender and other dissident possibilities. In search for ways to denounce the mechanisms, dispositives, technologies, strategies and symbols that naturalize gender binarism, sexual dimorphism and compulsory heterosexuality (and also racial hierarchies, class oppressions, religious extremisms, etc.) through museums and national monuments, I came across this “exception” in Costa Rica in relation to other national museums, in which, generally, the official national museum narrative tends to hide sexual and gender diversity in favor of heteronormativity. The purpose here is to present some reflections on the relationships between the construction of national ideologies, the processes of musealization and the critique of heteronormativity based on my research carried out in Costa Rica between 2021 and 2022.

Keywords: sexual diversity; nationalism; museums; biopolitics; Central America.

Discursividades Nacionales, Procesos de Musealización y Diversidad Sexual y de Género: la “excepcionalidad en/de Costa Rica

Resumen: El Museo Nacional de Costa Rica presenta algo insólito en la última sala de la exposición permanente de la historia del país: paneles e imágenes referidas a los derechos conquistados allí por lesbianas, gays, bisexuales, transexuales, transgéneros y otras posibilidades disidentes. En la búsqueda de formas de denunciar los mecanismos, dispositivos, tecnologías, estrategias y símbolos que naturalizan el binarismo de género, el dimorfismo sexual y la heterosexualidad obligatoria (y las jerarquías raciales, opresiones de clase, extremismos religiosos, etc.) a través de los museos nacionales, me encontré, en Costa Rica, con esta “excepción” en relación con otros museos nacionales, en los que la narrativa oficial nacional musealizada tiende a ocultar la diversidad sexual y de género a favor de la heteronormatividad. Voy a esbozar aquí algunas reflexiones sobre las relaciones entre la construcción de ideologías nacionales, los procesos de musealización y la crítica de la heteronormatividad desde Costa Rica.

Palabras-clave: diversidad sexual; nacionalismo; museos; biopolítica; América Central.

Museus que são “nacionais”²

Os museus nacionais, com suas marcas próprias, têm em comum o fato de serem instituições *nacionais*. Existe uma vastíssima discussão, nas Ciências Sociais, sobre a formação dos Estados nacionais, a construção de nação ou *nation-building* e os nacionalismos e a expansão (ou imposição) dos modelos europeus (e estadunidense) para o resto do planeta (ABU-LUGHOD, 1989; ELIAS, 1972; WALLERSTEIN, 1974). Destacam-se, de um lado, as/os pesquisadoras/es que associam a origem dos Estados nacionais à modernidade, ao industrialismo, ao individualismo, à globalização e/ou à irrupção da cidadania europeus (ANDERSON, 2008; ELIAS, 1972; GELLNER, 1983; GIDDENS, 1991; HOBBSAWN, 1990; TILLY, 1975), e do outro, as/os pesquisadoras/es que distinguem as nações baseadas em princípios étnicos, que podem ter origens pré-modernas, daquelas modernas baseadas em características cívicas (SMITH, 1986, 1991, 1995; HUTCHINSON, 2000).

Por vezes, as nações são relacionadas à maneira como as suas e os seus componentes imaginam-se em comunidade (ANDERSON, 2008) ou como essa comunidade imaginada se projeta *contra* o poder do Estado (TROUILLOT, 2010). São propostas também reflexões sobre a caracterização das nações em *primordialistas*, baseadas na fluida definição de pertencimento de “sangue” e ao “solo” e na etnia ou nos processos de etnicidade (BARTH, 2000; WIMMER, 2008), e em *instrumentalistas*, baseadas pragmaticamente na elaboração política estatal (ARMSTRONG, 1982; BAČOVÁ, 1998). Pesquisadores/as podem ainda tratar da construção de nação em situações coloniais e/ou pós-coloniais, levando-se em consideração os processos históricos de *crioulização* (ANDERSON, 2007), de *colonialismos internos* (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1993; GONZÁLEZ CASANOVA, 2006) ou de formas de *nacionalismos espirituais* (CHATERJEE, 1993). Outras/os pesquisadoras/es, enfim, balizam as marcas da formação política do Estado em comparação com a construção da nação, do *habitus nacional* ou da *ideologia nacional* (ELIAS, 1972, 1994a, 1994b).

Enquanto jornalistas, cientistas políticas/os, sociólogos/os, filósofas/os e diplomatas discutem o fim das nações, dos nacionalismos e dos Estados nacionais e a *era pós-nacional* ou dão ênfase às nações sem Estado (BRUBAKER, 1996; FERRY, 1992; GUÉHENNO, 1999; KEN’ICHI, 1996; HABERMAS, 2000), antropólogas/os mostram a complexidade do apego renovado às novas formas culturais que desafiam a ideia de nação (SAHLINS, 1997a, 1997b; DAS e POOLE, 2004) ou das nações sem etnia/eticidade (ERIKSEN, 1991, 2004). E os diversos países do mundo continuam com seus museus sendo *nacionais*.

“Nação”, “Estado-Nação” e “nacionalismos” são categorias distintas que não cabe investigar mais detalhadamente aqui. Por ora, fica-se com a proposta de Michel-Rolph Trouillot (2010) de refletir sobre os Estados em sua relação com o fenômeno nacional, considerando os Estados, não somente como um aparato dos governos nacionais, mas como um conjunto de práticas, processos e efeitos do

² Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa que vem viabilizando a realização da pesquisa e a Gabriela Villalobos Madrigal, curadora do Museu Nacional da Costa Rica, pela revisão e comentários preciosos.

poder político que podem, inclusive, se exercer em lugares distintos dos “nacionais”. De modo (bem) geral, os/as pesquisadores/as lidos/as até aqui participariam da ideia segundo a qual a ideologia de construção de nação teria a ver com uma *entidade cultural* (um grupo de pessoas que compartilham uma ou mais línguas, formas religiosas, a historicidade e práticas tradicionais), uma *entidade política* (um grupo de pessoas que se consideram uma comunidade com desejo de estabelecer ou manter uma organização) e uma *entidade psicológica* (um grupo de pessoas unidas por lealdades compartilhadas) – certas/os pesquisadoras/es pendem mais para a nação enquanto entidade cultural, ao passo que outras/os, mais para a nação enquanto entidade política. O caráter permanentemente contestado da ideia de nação é que está no âmago de meu interesse nesse artigo.

Assim, assumir-se-á aqui que os museus qualificados como nacionais são mais um dos diversos dispositivos da governamentalidade biopolítica e, como tal, representam (ou seja, são definidos por, ao mesmo tempo em que contribuem para definir) as tensões relativas ao estabelecimento e à manutenção da corpopolítica (disciplina dos corpos), da biopolítica (controle das populações) e da geopolítica (regulação dos Estados no sistema-mundo) nos âmbitos nacionais e para além dele.³

Um outro elemento em comum compartilhado pelos museus nacionais – e esse é o elemento motivador desse artigo – reside no fato de não abordarem, em suas exposições de coleções, a diversidade sexual e de gênero de seus respectivos países. Esses museus até retratam, em maior ou menor grau, as marcas de diferenciação de gênero e algumas questões relativas à (tímida) participação feminina na elaboração dos símbolos nacionais e/ou na produção das “coisas” representativas da nação. Ao fazê-lo, esses museus compartilhariam, de fato, a ideia segunda a qual o binarismo de gênero e o dimorfismo sexual seriam dados naturais e essenciais em um mundo habitado somente por homens e mulheres, marcados pelos princípios masculino e feminino, como difundido pelas discursividades médico-científicas, as normatividades jurídico-morais e as moralidades religiosas que sustentam a modernidade ocidental e a governamentalidade biopolítica hegemônica. Não haveria lugar, nesses museus, para a diversidade sexual e de gênero e, desse modo, reforçar-se-ia a naturalidade da heterossexualidade compulsória e da heteronormatividade⁴.

No entanto, na Costa Rica, o Museu Nacional apresenta algo inusitado na última sala da exposição permanente de história do país, quando comparado com outros museus nacionais pelo mundo afora: painéis e imagens referentes aos direitos conquistados naquele país por pessoas LGBTQIA+.⁵ Em busca por modos de denunciar os mecanismos, dispositivos, tecnologias, estratégias e símbolos

³ Por governamentalidade, Michel Foucault (2004: 111-2) entende “o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer uma forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, [tem] por forma maior de saber a economia política, [tem] por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança”; e “a tendência, o cabo de força que, no Ocidente, não parou de conduzir, desde há muito tempo, em direção à preeminência desse tipo de poder chamado de “governo” sobre todos os outros.” Por dispositivo, Foucault entende o conjunto heterogêneo que engloba “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (1998: 244) que pode ter por função estratégica a produção de verdades com efeitos de poder sobre os corpos e as populações, tornando-se assim biopolítico. A governamentalidade biopolítica seria, logo, esse governo peculiar dos corpos instituído pela modernidade ocidental.

⁴ A heterossexualidade compulsória denuncia o caráter culturalmente arbitrário e, portanto, não natural da heterossexualidade (RICH, 1980). A heteronormatividade designa o sistema normativo (e seus mecanismos, tecnologias e dispositivos) que sustentam (todas) as instituições dos Estados modernos, naturalizando a heterossexualidade, o binarismo de gênero e o dimorfismo sexual (WARNER, 1993).

⁵ Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/transgêneras/travestis, queer, intersexuais, assexuadas e/ou outras possibilidades dissidentes.

que naturalizam o binarismo de gênero, o dimorfismo sexual e a heterossexualidade compulsória (e também as hierarquias raciais, as opressões de classe, os extremismos religiosos, etc), por meio dos museus nacionais, deparei-me, assim, na Costa Rica, com essa “exceção” em relação a outros museus nacionais, nos quais, geralmente, a narrativa nacional oficial musealizada tende a ocultar a diversidade sexual e de gênero em prol da heteronormatividade. Será essa mais uma das inúmeras exceções, tão conclamadas por políticos/as, intelectuais e artistas, que marcam a história desse pequeno país centro-americano?⁶

Trata-se aqui de apresentar inicialmente, à guisa de contextualização, alguns elementos que demarcam a “excepcionalidade” da Costa Rica em diferentes âmbitos, para, em seguida, abordar mais detalhadamente as narrativas nacionais musealizadas, em particular no Museu Nacional (*Museo Nacional de Costa Rica*) e, de forma mais rápida, no Museu do Jade e Cultura Pré-Colombiana (*Museo del Jade*) e no Museu do Ouro Pré-Colombiano (*Museo del Oro Precolombino*); e enfim, a partir daí, será possível relacionar a exposição das conquistas dos movimentos LGBTQIA+ no Museu Nacional com as disputas políticas locais e os desafios internacionais para o respeito aos direitos humanos.

Costa Rica, uma nação “excepcional”

Michel Foucault (2007) discorreu sobre o caráter *fundante* e *constituente* do discurso quando institui verdades e se torna discursividade ou formação discursiva com efeitos de cientificidade não questionada. Como propôs Dominique Maingueneau, “os discursos constituintes dão sentido aos atos da coletividade” (MAINGUENEAU, 2006: 35) e servem de “fiadores de outros discursos e que, não tendo eles mesmos discursos que os validem, devem gerir, em sua enunciação, o seu estatuto, de alguma maneira autofundado.” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004: 126). Assim, os campos discursivos seriam, para Pierre Bourdieu (1983), os espaços simbólicos de operacionalização da instituição das discursividades e funcionariam, através do capital linguístico, para manter o poder simbólico de instituição de verdades através de certos discursos em detrimento de outros. Uma poderosa discursividade ocidental, que está na base ideológica do sistema-mundo moderno colonial, é aquela referente à ideologia de construção de nação e ao nacionalismo (CASTRO-GÓMEZ, 2019; WALLERSTEIN, 1974), *materializada* nos símbolos nacionais, ritos públicos, festividades, monumentos e... museus nacionais (ABREU e CHAGAS, 2003; GONÇALVES, 2007).

Um dos mais marcantes elementos da discursividade nacional na Costa Rica é, sem dúvida, a “excepcionalidade” do país em relação aos seus vizinhos latino-americanos e caribenhos. A “exceção” diria respeito, historicamente, ao fato de que a colonização espanhola não teria incentivado o aparecimento de grandes propriedades agrícolas na região, em razão do caráter acidentado do território costarriquenho e, principalmente, da suposta falta de produtos de grande interesse por parte da metrópole. Isso teria acarretado o desenvolvimento de uma sociedade de pequena produção agrícola e artesanato, sem grandes acumulações de riquezas. Somente após a independência, em 1821, e ao longo da segunda metade do século XIX e da primeira do século XX, é que a inserção do país na lógica

⁶ A viagem à Costa Rica foi realizada entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022 e contou com encontros com pesquisadoras/es locais das áreas de história, antropologia, sociologia e psicologia. Em seguida, diversas consultas por meios virtuais realizadas a essas/es e a outras/os pesquisadoras/os, além de gestoras/es de museus, contribuíram para dissipar algumas inquietações persistentes.

do capitalismo agrário com a produção de café e de banana para exportação abalariam um pouco essa estrutura (CHASTEEN, 2016; RODRÍGUEZ, 2018; SOLÓRZANO, 2018; SORIA, 1994). Em paralelo, o país não teria visto grandes conflitos étnicos, nem o extermínio sistemático de seus povos originários, já que a pequena produção agrícola teria convivido (supostamente) em harmonia com os modos de vida indígenas, embora os povos indígenas tenham tido que se isolar nas montanhas do leste do país para resistir aos impactos nefastos da colonização (BOZZOLI, 1992; BOZZOLI, 2021; HERRA, 2021; GUTIÉRREZ e MOYA, 2018).

A escravização de africanas/os também não teria tido forte impacto na história colonial do país, já que não havia grandes fazendas. A atual população negra do país, concentrada sobretudo na costa caribenha, seria descendente de trabalhadoras/es “livres” trazidas/os do Caribe após a independência para trabalhar em grandes projetos de desenvolvimento financiados pelo capital estrangeiro – construção de ferrovias e portos, abertura de canais, plantações de banana e café, etc (MURILLO, 1992; SORIA, 1994; SOTO e DÍAZ, 2007). Assim, a sociedade costarriquenha independente teria se constituído como uma nação branca, igualitária e homogênea... Pelo menos, essa foi-se constituindo como a discursividade nacional oficial.

No século XX, a guerra civil na primeira metade teve como desfecho e consequências na segunda metade do século outros fatos que reforçariam a “excepcionalidade”: a abolição das forças armadas, a alternância de governos social-democratas e o sucesso popular de reformas alavancadas pelo Estado de bem-estar social. Pode-se acrescentar a esses fatos o afã preservacionista desembocando na criação de parques nacionais que ocupam quase a metade da superfície do país e que contêm uma relevante proporção da biodiversidade tropical do planeta (e atraem turistas de todas as partes do mundo). Os esforços de preservação ambiental, o pacifismo e o antimilitarismo, a quase completa ausência de conflitos internos, a estabilidade política e a gestão sustentável da prática turística, além de bons indicadores sociais históricos, coloca(ra)m o país em posições invejáveis nos rankings mundiais de desenvolvimento humano, bem-estar, felicidade e respeito aos direitos humanos.⁷ Içado a exemplo por diversos órgãos internacionais, o país teve um vencedor do Prêmio Nobel da Paz,⁸ conta com uma das cinco regiões mundiais com maior longevidade da população ou “zona azul”,⁹ é sede da Corte Interamericana de Direitos Humanos e, enfim, viu seus quartéis e casernas (e muitas penitenciárias, mais recentemente) serem transformados em centros culturais e museus, dentre os quais o próprio Museu Nacional, para citar somente esses “casos de sucesso” (BOLAÑOS e CARVAJAL, 2006; CORRALES e CUBERO, 2005). Ou seja, o país teria seguido bem as recomendações das organizações internacionais sobre como se comportar no sistema-mundo moderno capitalista e todo esse sucesso é localmente resumido por uma expressão amplamente repetida: pura vida!¹⁰

Porém, essa “excepcionalidade”, quando verificada de modo mais pormenorizado, apresenta nuances, como apontadas pelas análises consequentes tanto da crise instaurada pela inserção do país na lógica neoliberal a partir da década de 1980 (DÍAZ ARIAS, 2021a), quanto de leituras críticas, reflexivas e decoloniais

⁷ Ver <https://hdr.undp.org/en/content/human-development-index-hdi> ; <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/happiest-countries-in-the-world> ; <https://uhri.ohchr.org/en/> ; <https://happyplanetindex.org/> ; <https://pt.countryeconomy.com/demografia/indice-mundial-felicidade/costa-rica> . Páginas acessadas em 11 de março de 2022.

⁸ Ver <https://arias.or.cr/> . Acesso em 11 de março de 2022.

⁹ Ver <https://www.bluezones.com/> . Acesso em 11 de março de 2022.

¹⁰ Pura vida designa um estado de espírito de felicidade, mas também é uma expressão usada nas saudações cotidianas quase como argumentum ad nauseam.

da história do nacionalismo na América Latina e, em particular, na Costa Rica – e que impactaram o processo de musealização da sala de história do Museu Nacional. De acordo com Iván Molina Jiménez (2002), a invenção da nação na Costa Rica teria sido particularmente exitosa, entre os séculos XIX e XX, quando comparada a outros países da região: a centralização da produção cultural e da autoridade estatal na capital, San José, a expansão da educação básica pública e da alfabetização a todo o país, a criação de instituições nacionais, como o Museu Nacional, e a valorização das pequenas cidades, das paisagens bucólicas e dos modos de vida rurais, entre outros elementos, contribuíram para reforçar um sentimento de lealdade dos/as cidadãos/ãs e persuadi-los/as da naturalidade da “excepcionalidade” e do estado de espírito pura vida em construção, consolidando “[...] o afloramento de uma consciência nacional”¹¹, como sugerido também por Victor Sánchez Corrales (2021: 1). Mas, ao fazê-lo, a discursividade nacional oficial enfatizaria a postura racista sobre a “brancura” da Costa Rica ao marginalizar as/os habitantes mestiças/os, os povos indígenas e as populações afro-caribenhas e chinesas, refletindo assim a reivindicação de ascendência europeia da elite e o consequente desprezo em relação ao resto da América Central.

Molina Jiménez (2002) analisa o período áureo do Estado social (1950-1978), marcado pela *pura vida*, e as mudanças estruturais negativas que acontecem após esse período com a adoção de políticas neoliberais: a transição de uma sociedade baseada significativamente em direitos universais, solidariedade entre classes e uma discursividade nacional compartilhada – embora denunciada pelo autor como “mítica” – para uma sociedade caracterizada pela competição, a corrupção, o individualismo, a desigualdade e a precarização da infraestrutura estatal voltada para o atendimento às pessoas mais pobres (em particular, nas áreas da educação, da saúde e da previdência social), gerando um forte questionamento da discursividade nacional oficial, como se pode notar na exposição da última parte da sala de história do Museu Nacional, dedicada aos desafios contemporâneos e de que tratarei mais adiante.

Victor Hugo Acuña Ortega (1994) retoma, para o contexto costarricense, a observação que outros estudiosos do nacionalismo já haviam feito em outros contextos: a origem moderna da nação e sua natureza de projeto concebido pelas elites que se difundiu em seguida para (quase) todas as camadas sociais (ANDERSON, 2008; GELLNER, 1983; HOBBSBAWN, 1990). O processo de independência na América Central levou à necessidade de estruturação de um Estado moderno nos moldes europeus. Hans Joachim König (2005) demonstra que a elite *criolla* latino-americana não teria criado inicialmente o Estado como “nacional”, com base em critérios étnicos ou culturais, tais como língua, religião ou história comum; mas sim, como “fato político”. Segundo David Díaz Arias (2003), o Estado seria o produtor legítimo do rito público moderno que legitima o poder, utilizando-o não somente como meio de legitimação, mas também como um projeto de regulação moral e criação de identidades, como a própria identidade da nação. Uma ordem jurídica é estabelecida para assegurar que o poder do Estado se diferencie de outras formas de poder, donde o monopólio da violência legítima, inclusive por meio da organização militar. A partir daí, o Estado poderia construir a ideia de nação, produzindo ritos, festividades, monumentos, as bibliotecas nacionais, os teatros nacionais e os museus nacionais, dentre outros, que servem para justificar a própria existência do Estado. O autor avança que, nos momentos anteriores ao processo de independência da Costa Rica, as pessoas localmente se

¹¹ Tradução livre do espanhol: “[...] el afloramiento de una conciencia nacional [...].”

identificavam com a “pátria”, o lugar onde nasceram, e viam na América uma “nação” única, pela qual todos/as deveriam lutar contra a colonização. Mas, muito rapidamente, com a independência, o projeto de uma nação americana única desapareceu e as elites locais, baseando-se no pensamento liberal em voga, logo se apressaram para construir Estados soberanos a partir dos quais seriam instituídos os pertencimentos nacionais. Na Costa Rica, o êxito desse projeto seria consequência das “tradições inventadas” pelo Estado – a “excepcionalidade” e a *pura vida*, por exemplo – e do sucesso da educação pública universal, das reformas sociais e da ideologia pacifista.

Enfim, é importante reforçar, junto com Javier Sanjinés (2007) – e também com algumas e alguns autoras/es reunidas/os na coletânea organizada por Sara Castro-Klarén e John Charles Chasteen (2003) –, os limites (empíricos, teóricos e metodológicos) das análises sobre o nacionalismo na América Latina baseadas acriticamente na proposta das “comunidades imaginadas”, de Benedict Anderson (2008). Sanjinés (2007) parte da obra de escritores latino-americanos que publicaram entre o final do século XIX e a primeira metade do XX – tais como Euclides da Cunha, no Brasil, José Enrique Rodó, no Uruguai, Ruben Darío, na Nicarágua, José Martí, em Cuba, Carlos Montenegro, na Bolívia, José Carlos Mariátegui, no Peru, e Mariano Azuela, no México –, para demonstrar a total ausência de uma “cultural nacional” em seus países. Ao contrário, não teria havido ali, até aquele momento, a convergência necessária para a criação de uma “consciência nacional” ou uma comunidade imaginada, somente a oposição entre as culturas ancestrais e as sucessivas variantes culturais ocidentais que adquiriram (ou impuseram?) a hegemonia sobre as elites locais. Essas elites que monopoliza(ra)m o poder político, econômico e ideológico desde o início da invasão europeia até os dias de hoje seriam afiliadas, por descendência ou pelas circunstâncias, às elites ocidentais (euro-estadunidenses) e sustenta(ra)m projetos históricos nos quais não há lugar para que as culturas locais floresçam. Desse modo, os projetos culturais de convergência, do tipo “nacionais”, nunca teriam proposto uma unidade baseada na criação de uma nova “civilização” que fosse a síntese das culturas existentes, mas sim, teriam incentivado uma unidade dependente da eliminação de uma dessas culturas (a sertaneja ou a cabocla, no caso do Brasil) e a generalização da outra (a ocidental, branca). Por isso, a ideia, segundo a qual a unidade nacional é representada por uma comunidade de “camaradagem fraterna e horizontal”, teorizada por Benedict Anderson (2008), seria só mais um mito da modernidade, forjado para legitimar a hegemonia política das camadas dominantes. De acordo com Sanjinés (2007: 301-302)¹² :

Contrariamente ao conceito de comunidade imaginada, [...] a fraternidade profunda entre cidadãos completos – os criollos ou os criollos-mestiços – gerou uma relativa ‘esfera pública’, na qual o papel letrado dos jornalistas e escritores foi o de estabelecer a mediação entre o Estado e uma cidadania parcialmente constituída, pobre e fraca, embrião da cidadania que até os dias de hoje vive subjugada e dependente.

Claudio Lomnitz (2001), por sua vez, mostra que os laços entre os diferentes grupos sociais e étnicos na América Latina eram de dependência e subjugação, não de camaradagem, como pregava Anderson (2008), e essa dependência teria começado com a colonização. Até os dias de hoje, o Estado tenta incutir nos/as futuros/as cidadãos/ãs os laços de fraternidade – a *pura vida* –, servindo-se da

¹² Tradução livre do inglês: “contrary to the concept of imagined community, [...] the deep fraternity among complete citizens – the criollos or criollo-mestizos – opened a relative ‘public sphere’, where the lettered role of journalists and writers was to mediate between the State and a half-formed citizenry, poor and weak, an embryo of citizenship that even today lives subjugated and dependent.”

“teatralização do poder” (GARCÍA, 2017), seja em sala de aula ou por meio de museus nacionais, monumentos, festividades e ritos públicos, por exemplo, embora esses laços tenham sido muito fragilmente elaborados – ou sejam, de fato, inexistentes, como apontado pelos autores acima citados. Cabe, a partir daqui, verificar como os principais museus costarriquenhos empenhados na produção e reprodução da discursividade nacional lidam com a “teatralização do poder” na materialização da “consciência nacional”, tarefa que – reconheço de antemão – será apenas esboçada no espaço desse artigo.

A capital nacional, o Museo del Jade e o Museo del Oro

Durante o período colonial, os espanhóis preferiram se estabelecer de forma mais duradoura no Vale Central, uma vasta planície com altitudes acima de mil metros e temperaturas mais amenas, salpicada por vulcões ativos e coberta por uma vegetação luxuriante... porque era onde se encontrava a maior concentração de indígenas para serem exploradas/os como serviçais (BOZZOLLI, 1992, 2021). Parte das riquezas geradas pela produção de café na região durante o século XIX, no período pós-independência, seria investida na urbanização das principais cidades do país, todas elas situadas no Vale Central: Cartago, então capital, Alajuela, Heredia e San José. Como consequência dos conflitos entre as elites instaladas nessas cidades,¹³ a capital foi transferida definitivamente para San José na década de 1830, cidade mais central e considerada como mais neutra – e pólo da produção de tabaco anteriormente e de café a partir de então. Todas essas cidades seguiam o modelo urbanístico colonial espanhol clássico, com ruas paralelas e transversais se cruzando em ângulos retos e uma praça central, ao redor da qual se erguiam geralmente os principais edifícios administrativos e a sede da igreja católica, com o mercado nas imediações. Hoje, Cartago, Alajuela, Heredia e San José formam uma conurbação que, juntamente com outras cidades, é definida como a “Gran Area Metropolitana”, com uma população estimada em mais de 2,5 milhões de habitantes, mais da metade da população total do país (SEGOVIA-FUENTES, 2018)¹⁴.

Em San José, pode-se falar de um eixo monumental urbano central que vai de leste a oeste pelas Avenidas Central, 1 (que corre paralela ao norte da Central) e 2 (ao sul da Central) – no extremo oeste, o ponto inicial desse eixo seria o terminal do antigo aeroporto da cidade, transformado em Museu de Arte Costarriquenha (Museo de Arte Costarricense¹⁵), e no extremo leste, a Praça da Democracia e da Abolição do Exército (Plaza de la Democracia y de la Abolición del Ejército), onde se encontram o Congresso Nacional (Asamblea Legislativa de la República de Costa Rica), o Museu do Jade (Museo del Jade¹⁶) e o Museu Nacional (Museo Nacional¹⁷). Na parte mais central desse eixo, situa-se o prédio-símbolo da capital, o Teatro Nacional, na Praça da Cultura (Plaza de la Cultura) e, no sub-

¹³ A independência do que hoje seriam Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Costa Rica se deu no início da década de 1820 com a formação de uma federação centro-americana (em certo momento, englobando também parte do México), no modelo dos Estados Unidos. Mas, logo se desenvolveram dissidências internas em prol da formação de Estados soberanos. Na Costa Rica, alguns grupos julgavam que o país deveria formar um Estado soberano; outros pregavam a manutenção da federação centro-americana (DÍAZ ARIAS, 2021b).

¹⁴ Para dados demográficos e urbanos atualizados, ver a página eletrônica do Instituto Nacional de Estadística y Censos (INEC): <https://www.inec.cr/>. Acesso em 11 de março de 2022.

¹⁵ Ver <http://www.mac.go.cr>. Acesso em 11 de março de 2022.

¹⁶ Ver <https://museodeljade.ins-cr.com/>. Acesso em 11 de março de 2022.

¹⁷ Ver <https://www.museocostarica.go.cr/>. Acesso em 11 de março de 2022.

solo dessa praça, o Museu do Ouro Pré-Colombiano (Museo del Oro Precolombino¹⁸). Enfim, ao norte e a nordeste dessa parte mais central, tem-se um conjunto de praças, ali chamadas de “parques” (Morazán, España e Nacional) – todas com uma impressionante quantidade de monumentos, bustos e esculturas, materializando a “consciência nacional” –, que separam a área mais central da capital dos bairros compostos por casarões construídos entre os séculos XIX e XX pelos proprietários de cafezais – Amón, Aranjuez, Escalante e La California –, muitos dos quais hoje ocupados por restaurantes, bares, galerias de arte, ateliês de artesanato, hotéis de charme, lojas refinadas, etc.¹⁹



Figura 1 - Praça da Democracia com o Museu do Jade à esquerda, o Congresso Nacional ao centro e o monumento em homenagem às esferas arqueológicas de pedra à direita (San José, Costa Rica)²⁰

O jade e o ouro foram, respectivamente, o mineral e o metal escolhidos para retrair, por meio da cultura material, a história longa da formação dos povos que viveram (e alguns ainda vivem) no território do que é hoje a Costa Rica. O Museu do Jade é mantido pelo Instituto Nacional de Seguros. Em 1924, foi criado o Banco Nacional de Seguros com o objetivo de criar garantias para pessoas e empresas em caso de incêndios, desastres ou acidentes de trabalho, transformado em Instituto em 1948 (INS). O INS manteve o monopólio dos seguros no país até 2008, quando o mercado de seguros foi aberto à concorrência. Para limitar o con-

¹⁸ Ver <https://museosdelbancocentral.org/exhibiciones/museo-del-oro-precolombino/>. Acesso em 11 de março de 2022.

¹⁹ Para acesso a mapas de San José e da Costa Rica, ver a página do Instituto Geográfico Nacional de Costa Rica (https://www.snitr.go.cr/ign_ign) e o Google Maps (<https://www.google.com/maps/place/San+Jos%C3%A9,+Costa+Rica/@9.9255491,-84.0989627,14.86z/data=!4m5!3m4!1s0x8fa0e342c50d15c5:0xe6746a6a9f11b882!8m2!3d9.9280694!4d-84.0907246>). Acesso em 11 de março de 2022.

²⁰ Todas as imagens são de minha autoria própria e foram produzidas entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022.

trabando, controlar o comércio e impedir que objetos arqueológicos fossem levados para fora do país, o INS começou a adquirir peças (por compra e até mesmo por doação) e passou a expô-las, a partir de 1977, em sua *Colección Arqueológica del INS*, que se tornou o Museu do Jade em 1980. O museu nasceu com o objetivo, não somente de expor os objetos, reforçando a “consciência nacional” por meio da musealização da cultura material arqueológica, mas também de conservá-los e de fomentar a pesquisa arqueológica, histórica e antropológica sobre a ocupação do território, por um lado e, por outro, sobre a preservação ambiental e a valorização da diversidade cultural dos povos indígenas na contemporaneidade.



Figura 2 - Museu do Jade ao centro e Avenida Central à direita (San José, Costa Rica).

Atualmente, o museu ocupa um prédio moderno de arquitetura arrojada construído com a finalidade de abrigá-lo, que mais se parece a um bloco de pedra não esculpido – imitando jade? – colocado na lateral de uma das praças mais importantes da capital, a Praça da Democracia e da Abolição do Exército. No interior, depois que se passa pela bilheteria, chega-se ao vão central, iluminado naturalmente por um teto de vidro, para o qual dão os corredores que levam às salas de exposições permanentes e temporárias, dispostas no térreo e nos quatro andares seguintes do prédio. A exposição permanente começa no primeiro andar e continua pelos andares superiores. A primeira sala é dedicada ao processo de elaboração do jade e seus usos sociais, as práticas rituais e os simbolismos a ele associados e as rotas de circulação envolvidas em sua comercialização pelos povos pré-colombianos. Chama a atenção, desde essa sala, a preocupação em trazer informações sobre as distinções de gênero – nessa sala, enfatiza-se a importância de mulheres xamãs e o uso de objetos de jade por elas como veículos de comunicação com entidades extra-humanas. As duas salas seguintes, intituladas *El Día*

(o dia) e *La Noche* (a noite), respectivamente, retratam a vida cotidiana e a organização social e econômica dos povos pré-colombianos, sempre em relação ao meio ambiente na primeira sala e, na segunda, as relações com o “outro mundo”, as mitologias, os ritos funerários e os sistemas mágico-religiosos, as estruturas políticas e de prestígio, dentre outros temas. Nessas duas salas, há mais objetos de cerâmica, ouro ou outros materiais do que de jade propriamente dito, demonstrando a vocação do museu de reconstituir aspectos da vida cotidiana dos povos pré-colombianos através do conjunto de sua cultura material.



Figura 3 - Interior do Museu do Jade (San José, Costa Rica).

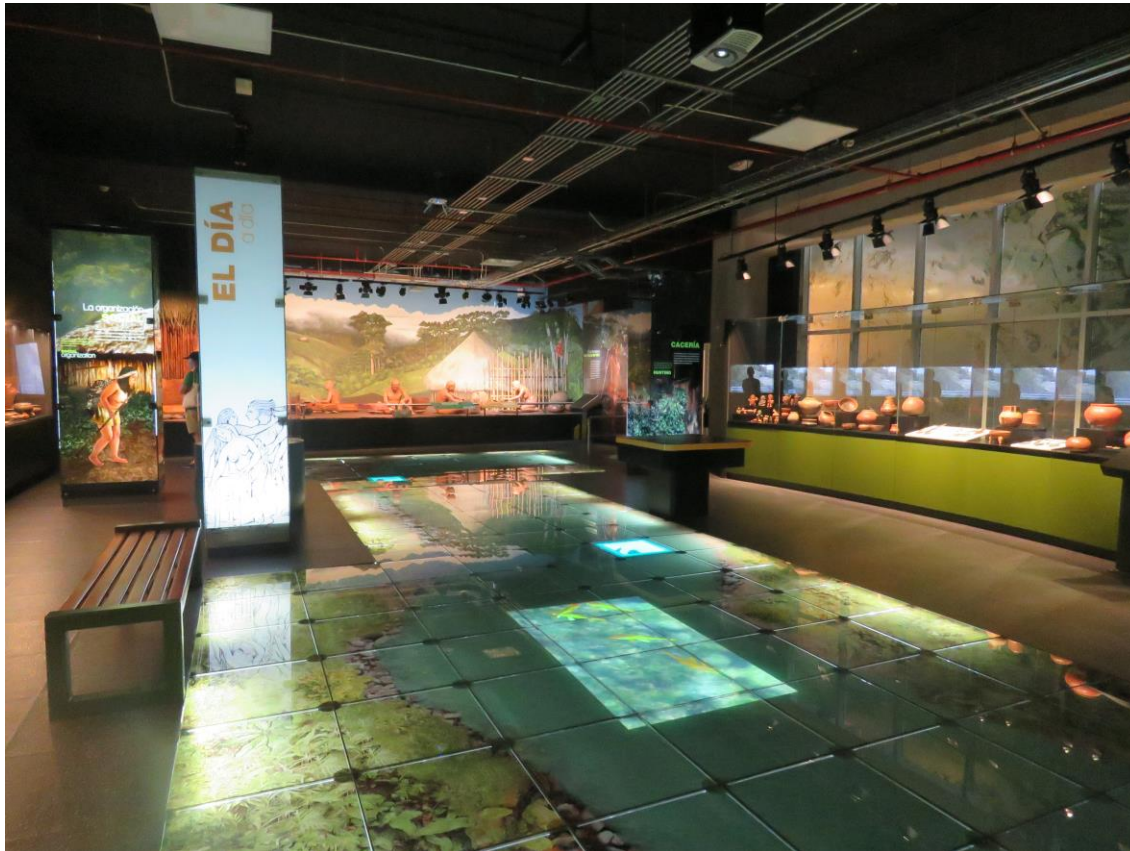


Figura 4 - Sala El Día, Museu do Jade (San José, Costa Rica).

As duas últimas salas são particularmente interessantes. A última o é pelo fato de se tratar de uma espécie de exposição de uma parte da reserva técnica – sala chamada precisamente de *Acopio* ou “colecionamento” –, composta por uma quantidade considerável de peças, principalmente de cerâmica e pedra, organizadas de acordo com as regiões da Costa Rica em que foram encontradas – chama atenção o fato de que raramente se vê uma sala desse tipo em um museu. A penúltima sala, por sua vez, intitulada *Memoria*, é interessante pelo fato de apresentar uma seção dedicada a *Gênero y Sexualidad* (gênero e sexualidade), além de peças que remetem à indumentária, às artes e festividades (música, canto e dança), às habilidades técnicas e tecnologias em geral, à transmissão geracional de conhecimentos, aos papéis e funções sociais, etc.

Alguns textos da penúltima sala tratam da diversidade desses povos em múltiplos aspectos, inclusive sexuais, sem que, no entanto, detalhes sejam fornecidos: “[a] diversidade humana estava presente nessas populações, onde as pessoas de diferentes sexos, idades, habilidades y traços físicos particulares eram designadas a atividades específicas dentro da comunidade”²¹. O que seriam esses “diferentes sexos”? Uma relevante quantidade de peças de cerâmica, ouro e pedra retratam aqui cenas do que poderíamos designar como relações sexuais entre duas pessoas, além de pessoas tocando-se as genitálias, talvez em práticas de masturbação, e um outro conjunto de peças retrata pênis, vaginas e seios: “[o]s artesãos elaboraram objetos que mostram casais abraçados ou se tocando, realizando o ato sexual, mulheres em trabalho de parto, assim como falos associados à reprodução do

²¹ Tradução livre do espanhol: “La diversidad humana estaba presente en estas poblaciones, donde a las personas de diferentes sexos, edades, habilidades y rasgos físicos particulares se les asignaba dentro de la comunidad actividades específicas.”

grupo e a ritos agrícolas.”²² E logo em seguida: “[a]lguns grupos permitiam diversas relações sexuais. Os homens praticavam ritos de poder ou de fertilidade por meio da masturbação e auto-sacrifício, perfurando seu pênis.”²³ O que seriam essas “diversas” relações sexuais? Seriam relações sexuais “outras”?

Embora os painéis explicativos não o digam abertamente, algumas peças representando o abraço entre duas pessoas parecem indiferenciadas ou ambíguas, em termos de “sexo” ou “gênero”, podendo talvez representar um enlace que não corresponde necessariamente ao que nós chamaríamos de heterossexual. Ora, por que é que, quando se trata dessa indiferenciação ou ambiguidade, os textos de apresentação das peças não sugerem possibilidades “outras”, para além do binarismo de gênero ou do dimorfismo sexual?



Figura 5 - Detalhe do enlace entre duas pessoas, Museu do Jade (San José, Costa Rica).

Em minha visita ao Museu do Jade, havia uma exposição temporária, no âmbito das inúmeras atividades comemorativas dos 200 anos da Independência, intitulada Impronta Feminina – Costa Rica 1821-2021, em homenagem às mulheres costarriquenhas: “composta pela disposição cronológica das biografias de um conjunto de mulheres costarriquenhas que, ao longo de dois séculos, contribuí-

²² Tradução livre do espanhol: “Los artesanos elaboraron objetos que muestran parejas abrazadas o tocándose, realizando el acto sexual, mujeres en labor de parto, así como falos asociados a la reproducción del grupo y a ritos agrícolas.”

²³ Tradução livre do espanhol: “Algunos grupos permitían una diversa convivencia sexual. Los hombres practicaban ritos de poder o de fertilidad mediante la masturbación y auto sacrificio punzando su pene.”

ram para a consolidação de uma Costa Rica mais justa, democrática, representativa e diversa”²⁴, como anuncia o painel introdutório. Dentre essas mulheres estão a única presidenta do país, algumas escritoras e lideranças indígenas e afro-caribenhas e a antropóloga María Eugénia Bozzoli.

O Museu do Ouro, por sua vez, está vinculado ao Banco Central da Costa Rica e foi criado em 1950 como Museu Arqueológico e Numismático, passando a se chamar Museu do Ouro a partir de 1966. Na década de 1980, inaugurou-se o prédio próprio do museu, no subsolo da Praça da Cultura, abaixo do Teatro Nacional, com o nome de Museu do Ouro Álvaro Vargas Echeverría. Enquanto o Museu do Jade se eleva em direção ao céu, assim como o jade desponta da terra, o Museu do Ouro se aprofunda terra abaixo, assim como o ouro se esconde na terra e na rocha. A visita se inicia pelos andares inferiores e continua em direção aos superiores até a superfície, o conjunto se parecendo a uma pirâmide invertida. Ao longo das décadas de 2000 e 2010, o museu ganhou diversos prêmios internacionais por sua arquitetura criativa.



Figura 6 - Praça da Cultura, com o Teatro Nacional em destaque (San José, Costa Rica).

No terceiro subsolo, tem-se a história pré-colonial do território costarricense contada a partir da mineração, sobretudo do ouro, comparando-se com a Colômbia, o Equador e o México, grandes polos de produção aurífera. A exposição prossegue no segundo subsolo, abordando temas como as migrações, a produção metalúrgica em geral, a vida cotidiana, a iconografia e as cosmovisões e a cultura material a elas atrelada, até as últimas salas, onde se trata dos povos indígenas

²⁴ Tradução livre do espanhol: “[...] compuesta por la disposición cronológica [...] de las biografías de un conjunto de mujeres costarricenses [...] que a lo largo de dos siglos han aportado [...] en la consolidación de una Costa Rica más justa, democrática, representativa y diversa.”

atuais, sua relação com o meio ambiente, as questões de gênero e os impactos persistentes da colonização na contemporaneidade. Um vídeo na última sala traz os depoimentos de indígenas, como para mostrar que todo o trabalho de seus ancestrais, mostrado na exposição até ali, continua nos dias de hoje nas mais de 20 terras indígenas do país, onde vivem pelo menos oito etnias falantes de seis línguas distintas. Aqui, assim como no Museu do Jade, mas em menor proporção, chama atenção a ênfase dada às diferenças sociais de gênero. O museu conta ainda com a coleção numismática, no primeiro subsolo, que retrata de forma rica a história colonial e pós-independência, além de exposições temporárias, no primeiro e no segundo subsolos – quando de minha visita, havia uma exposição de mapas centro-americanos e uma outra sobre os anuros e sua associação mítica com o gênero feminino em cosmovisões indígenas.

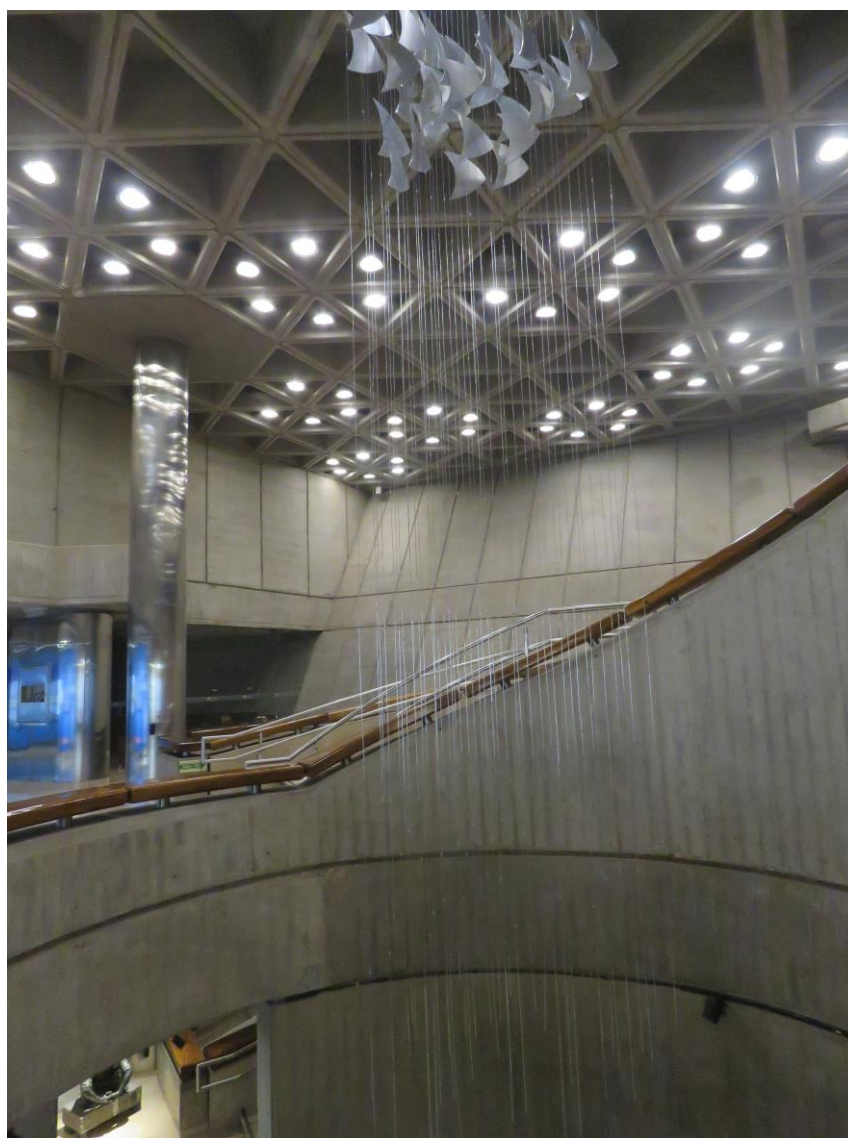


Figura 7 - Interior do Museu do Ouro (San José, Costa Rica).

O Museu do Jade e o Museu do Ouro, por serem principalmente de arqueologia, tentam reconstituir museograficamente os modos de vida das populações pré-colombianas que viviam no território hoje costarrriquenho, sendo que o segundo aborda também os desafios da realidade dos descendentes atuais dessas

populações na conformação de uma “consciência nacional” historicamente diversa, arbitrariamente elaborada e, portanto, fragilmente mantida. O fato em comum aos dois museus é que ambos incentivam um olhar atento para o universo feminino na tentativa de reconstituição dos modos de vida das populações pré-colombianas. No entanto, nenhum dos dois museus problematiza criticamente o binarismo de gênero e o dimorfismo sexual, parecendo tomar por natural e essencial a divisão simbólica, social e física do mundo em dois princípios, o masculino e o feminino.

Estudiosas da colonialidade do gênero, como María Lugones (2008) e as autoras reunidas por Karina Bidaseca y Vanesa Vázquez Laba (2011), feministas indígenas e comunitárias, como Julieta Paredes (2014) ou Francesca Gargallo (2014), e antropólogas feministas latino-americanas, como Rita Segato (2013), vêm propondo análises mais rigorosas no sentido de denunciar a naturalidade do binarismo de gênero e o dimorfismo sexual e apresentar as formas indígenas de perceber o mundo em seus próprios termos, como vem sendo mostrado por mim e por outras/os autoras/es (FERNANDES, 2019; GONTIJO, 2021; GONTIJO, ARISI e FERNANDES, 2021). Os museus latino-americanos de porte nacional poderiam (e deveriam) levar isso em consideração em suas exposições, em prol de um mundo mais justo, o que é iniciado – a meu ver, de forma um tanto quanto pioneira na região – pelo Museu Nacional da Costa Rica.

O Museu Nacional de Costa Rica, a discursividade nacional e a “excepcionalidade sexo-genérica”

O Museu Nacional da Costa Rica foi criado em 1887, reunindo um conjunto bastante diversificado de objetos, em grande parte pertencentes às famílias das elites locais brancas, tendo como um dos objetivos o de materializar o atributo “moderno” e “ocidental” da nacionalidade contra o passado indígena “incivilizado”. Segundo Ronny Viales Hurtado (1995), a sua criação aconteceu no marco da instauração de uma discursividade nacional oficial, produto da imaginação de intelectuais liberais de finais do século XIX e princípios do século XX, que trabalharam muito próximos dos ideais do Estado e de suas elites: “[e]ste pensamento foi se disseminando de cima para baixo, apropriando-se de narrativas, imagens e figuras das culturas populares e relocalizando-as num discurso uniforme, o discurso nacional costarricense” (VIALES, 1995: 100)²⁵. O autor mostra que esse discurso se baseou em símbolos nacionais de identificação, dentre os quais destacam-se a figura do herói nacional, Juan de Santamaría, e a chamada “Campanha Nacional”²⁶, que substituiu o papel das guerras de independência, inexistentes na Costa Rica. O autor acrescenta que foram criados limites político-administrativos que deformaram algumas realidades sociais, sobretudo no que diz respeito aos povos originários. Desse modo, as elites “retiraram do cenário nacional os indígenas e os negros, assim como o fizeram com [as regiões de] Guanacaste e Puntarenas, sucumbindo essas particularidades regionais diante do impulso de

²⁵ Tradução livre do espanhol: “Este pensamiento fue diseminándose de arriba hacia abajo, apropiándose de narrativas, imágenes y figuras de las culturas populares y reubicándolas en un discurso uniforme, el discurso nacional costarricense.”

²⁶ A chamada “Campanha Nacional” diz respeito à guerra vitoriosa ocorrida entre 1856 e 1857 que expulsou definitivamente as tropas estadunidenses que avançavam pela América Central sob o comando do corsário e mercenário William Walker. Por essa razão, a “Campanha Nacional” é vista quase sempre como um momento tão ou mais importante do que a independência, já que a partir daquela vitória, a Costa Rica, de fato, seria confirmada como nação soberana (DÍAZ ARIAS, 2021b).

uma imagem nacional unificada, que tomou como base o ‘Vale Central’.” (VIALES, 1995: 101)²⁷. O Museu Nacional desempenhou um papel preponderante, entre a sua criação e as primeiras décadas do século XX, na conformação dessa discursividade nacional, juntamente com a inauguração da estátua de Juan de Santamaría, em Alajuela, e a do Monumento Nacional, no Parque Nacional, em San José (BRENES, 2009).

Em 1944, o Museu foi transferido para a gestão da Universidade da Costa Rica (UCR), tornando-se uma instituição de pesquisa voltada principalmente para as áreas de geologia, botânica, zoologia e etnografia, além de arqueologia. No final dessa década, uma guerra civil foi desencadeada quando, após a vitória da oposição, as eleições presidenciais foram anuladas. A guerra se encerrou depois de cinco semanas (deixando mais de 500 mortos) e uma junta de governo liderada por José Figueres Ferrer foi reconhecida, ainda que com desconfiança, como legítima (DÍAZ ARIAS, 2015). A abolição das forças armadas em 1948, declarada em um ato fortemente simbólico, foi a maneira encontrada pela junta para gerar um clima de confiança e obter apoios internacionais, principalmente dos Estados Unidos. O Quartel da Bellavista, onde foi declarada a abolição das forças armadas, um prédio cuja construção se iniciou em 1917 e só foi concluída na década de 1930, foi cedido à UCR em 1949 para a instalação do Museu Nacional. Outras instalações militares teriam o mesmo destino por todo o país, naquilo que Francisco Corrales Ulloa e Guillermo Cubero Barrantes (2005) definiram como uma espécie de “teatralização do patrimônio” intimamente vinculada à manutenção da discursividade nacional. Na década de 1950, a gestão do Museu foi retirada da UCR e, ao longo das décadas seguintes, a instituição tornou-se autônoma (BOLAÑOS e CARVAJAL, 2006).

O Museu se encontra na Praça da Democracia e da Abolição do Exército, que conta ainda com um monumento em homenagem a José Figueres Ferrer (carinhosamente chamado de Pepe Figueres) e com um monumento arrojado de vidro e aço em homenagem às misteriosas esferas de pedra datadas de milhares de anos, principal bem arqueológico do país e inscrito na lista de patrimônios mundiais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Entre os dois monumentos, está a entrada do Museu.

A visita se inicia, após passar pela bilheteria, por um borboletário (*Jardín de Mariposas*) que contém 14 espécies diferentes de borboletas e uma grande diversidade de plantas da flora tropical local, como para comemorar a biodiversidade costarrriquenha – um importante item da nova discursividade nacional, como visto mais acima. Chega-se, em seguida, ao antigo calabouço do quartel, espaço reservado às exposições temporárias – quando de minha visita, havia uma exposição sobre animais de hábitos noturnos, *Amos de la Noche*, montada pela equipe de história natural do museu. No nível superior, ao redor de um jardim salpicado de esferas arqueológicas de pedra, encontram-se as duas principais salas do museu: a de arqueologia, chamada de *Sala Precolombina* (temporariamente fechada), e a de história dos séculos XVI a XXI, a maior sala do museu. Encontra-se ali também uma outra sala de exposições temporárias, na qual estava acontecendo uma exibição dedicada ao bicentenário da independência, intitulada *Blanco, Azul y Rojo* (branco, azul e vermelho, as cores da bandeira da Costa Rica), em complementação à ala de história. Enfim, nesse mesmo nível, há ainda as Ca-

²⁷ Tradução livre do espanhol: “[...] desaparecieron del escenario social a los indígenas y a los negros, tanto como a Guanacasté y Puntarenas, sucumbiendo estas particularidades regionales ante el impulso de una imagen nacional unificada, la cual tomó como base el ‘Valle Central’.”

sas dos Comandantes (*Casas de los Comandantes*), espaços de exposições temporárias – havia uma sobre as esferas e outros objetos arqueológicos de pedra e uma outra sobre ninhos de pássaros.



Figura 8 - Detalhe do monumento em homenagem a Pepe Figueres, Praça da Democracia (San José, Costa Rica)



Figura 9 - Museu Nacional da Costa Rica (San José, Costa Rica)

A sala que interessa mais aos propósitos desse artigo é a de história da Costa Rica, cuja curadoria está a cargo da historiadora Gabriela Villalobos Madrigal, a quem sou muito grato por ter esclarecido algumas de minhas dúvidas. O primeiro item a ser destacado é o fato, um tanto quanto raro em museus nacionais pelo mundo afora, de que o Museu Nacional da Costa Rica já considera em suas exposições a história do século XXI, a história “em andamento”. Em seguida, destaca-se a própria organização da primeira parte da sala, relativa aos primeiros contatos de espanhóis e europeus colonizadores em geral com os povos indígenas autóctones. De um lado da sala, estão dispostas as peças e os painéis explicativos sobre os povos indígenas e, do outro, aquelas e aqueles relativos aos invasores europeus. As peças e painéis estão dispostos em função de temas diversos, tais como família e organização social, religiosidade, economia, etc. Para cada um dos temas abordados, as/os visitantes podem olhar para um lado e obter as informações relativas àquele tema concernentes aos povos indígenas e, ao olhar para o outro lado, obtêm-se as informações relativas ao mesmo tema para a sociedade colonial euro-americana. Assim, cria-se uma dinâmica de leitura comparativa que coloca indígenas e invasores lado a lado até que a narrativa leva pouco a pouco a uma espécie de diluição dos povos originários na população colonial, já que a ênfase da história vai sendo paulatinamente colocada nos modos de vida coloniais, na organização política e econômica do século XIX em diante, nos conflitos e sua resolução entre os séculos XIX e XX e, em seguida, na própria formação e consolidação da sociedade costarriquenha e os desdobramentos da construção da nação até os dias de hoje, com o apagamento dos povos indígenas – e suas discursividades aqui materializadas por meio das peças exibidas e da explicação da história e dos significados dos símbolos nacionais.

Chama atenção uma parte da exibição dedicada às e aos “protagonistas esquecidas/os” (*protagonistas olvidados*). Aqui, apresentam-se, por exemplo, as atividades pouco contadas nos livros de história sobre a participação de “indígenas”, “mulatos” e “mulheres”, como se lê nos painéis explicativos, em apoio ao exército durante a guerra na primeira metade do século XX. Os povos indígenas e populações etnicamente diferenciadas não desaparecem totalmente, pois há informações sobre suas atividades ao longo do século XIX, “enfrentando os processos de exclusão e submissão” (*enfrentandose a procesos de exclusión y sometimiento*) e, na última parte da sala, dedicada ao século XXI, enquanto parte dos desafios contemporâneos que a Costa Rica precisa enfrentar.

Sem dúvida, o que mais chamou atenção foi essa última parte da sala de história, quando as peças praticamente desaparecem e dão lugar a painéis, vídeos e um espelho que retratam os desafios contemporâneos da construção e, principalmente, da manutenção da discursividade nacional num país que percebeu que a “consciência nacional” apresenta fissuras e num mundo cada vez mais “globalizado”, de acordo com o que se lê, vê e ouve ali. Essa seção é intitulada Diversidades e Convivências (*Diversidades y Convivencias*) e aborda, como se lê no painel de apresentação, os desafios desse início de século XXI, partindo-se das fissuras da “consciência nacional”: “[a]o longo da história da Costa Rica, os direitos cidadãos e as condições de vida melhoraram em termos gerais para a maioria da população. Mas, persistem formas de discriminação, algumas baseadas na etnia, a nacionalidade ou a condição de pobreza”²⁸. E surpreendentemente, o texto aborda a diversidade sexual e de gênero: “[d]iante da diversidade sexual e das

²⁸ Tradução livre do espanhol: “A lo largo de la historia de Costa Rica, los derechos ciudadanos y las condiciones de vida han mejorado en términos generales para la mayoría de la población. Sin embargo, persisten formas de discriminación, algunas basadas en la etnia, la nacionalidad o la condición de pobreza”.

relações e condições de gênero, persistem práticas enraizadas que mantêm a exclusão e a violência presentes”²⁹. O texto termina quase que com uma injunção: “[o] desafio cidadão face à exclusão e à discriminação exige uma mudança profunda nas práticas cotidianas, bem como a compreensão de que condições de vida dignas são, em si mesmas, a base para o pleno exercício dos direitos humanos de todas as pessoas”³⁰.



Figura 10 - Detalhe da última parte da sala de história, Museu Nacional da Costa Rica (San José, Costa Rica).

O respeito à diversidade – nomeadamente sexual, de gênero, étnica e nacional –, a necessidade de erradicação da pobreza e das desigualdades econômicas consequentes da adoção do modelo neoliberal na década de 1980 e, enfim, a preservação ambiental, eis os principais desafios de um país que, nas últimas duas ou três décadas, tem sido palco de uma onda de protestos que abalam os anos de glória da paz social, do Estado de bem-estar e, em breve, da *pura vida!* Entende-se, assim, a função político-pedagógica dessa seção do Museu Nacional. A maior inovação aqui está certamente na preocupação em pautar a diversidade sexual e de gênero na agenda dos desafios, juntamente com a forte imigração nicaraguense, as desigualdades de gênero, as consequências das mudanças climáticas, as contradições ambientais e a crise do sistema bipartidário que caracterizava as eleições até a década de 2010, a ascensão dos movimentos de extrema-direita e o

²⁹ Tradução livre do espanhol: “Frente a la diversidad sexual, y a las relaciones y condiciones de género están arraigadas prácticas donde la exclusión y la violencia continúan presentes.”

³⁰ Tradução livre do espanhol: “El reto de la ciudadanía frente a la exclusión y la discriminación pasa por un profundo cambio en las prácticas cotidianas, así como por la comprensión de que las condiciones dignas de vida son, en sí mismas, la base del ejercicio pleno de los derechos humanos de todas las personas.”

incremento do moralismo conservador de matriz evangélica, por exemplo. A exposição conta com uma tela multimídia, na qual são projetados trechos de entrevistas com pessoas que contam suas histórias pessoais e seus sonhos: um jovem estudante nicaraguense, uma professora universitária afro-caribenha, um professor indígena aposentado, uma mulher lésbica feminista e ativista dos direitos LGBTQIA+...

Os textos específicos sobre a diversidade sexual e de gênero, em espanhol e em inglês, encontram-se respectivamente ao lado de duas fotografias: uma delas, em cores, apresenta a parada da diversidade de 2012 (*marcha de la diversidad de 2012*), publicada originalmente no diário costarricense *La Nación*; a outra, em preto e branco, também publicada originalmente no mesmo diário, apresenta um casal de lésbicas e um casal de gays que tiveram sua união civil legalmente reconhecida em 2015. O texto, intitulado “A Diversidade Sexual e de Gênero” (*la diversidad sexual y de género*), tem como subtítulo “Muitos costarricenses viveram a discriminação em razão da diversidade sexual e de gênero” (*muchos costarricenses han vivido la discriminación frente a la diversidad sexual y de género*) e diz o seguinte:

A comunidade LGBTQ+ tem historicamente experimentado manifestações conservadoras contrárias a sua existência; no entanto, nas últimas décadas, tornou-se mais visível e levantou a sua voz a favor da igualdade e contra a discriminação. Em maio de 2020, o grupo alcançou igualdade de acesso à união civil, ao casamento entre pessoas do mesmo sexo e ao direito à adoção. A Costa Rica, um país que se orgulha do seu respeito pelos direitos humanos, tinha ficado para trás na legalização de tais condições para estes costarricenses.³¹

A primeira parte do texto, datada de 2017, é anterior à segunda, como me explicou pessoalmente a curadora dessa sala. A sala passou por reformulações antes que se iniciasse a campanha eleitoral para a Presidência da República em 2018, mas acabou sendo fortemente impactada pela (e talvez tenha, por sua vez, impactado a) campanha e pela recomendação da Corte Interamericana de Direitos Humanos sobre a união civil entre pessoas de mesmo sexo/gênero. Desde então, a sala vem sendo atualizada, em alguns de seus painéis. Foi assim que esse texto foi modificado em 2020 para dar conta da oficialização legal da união civil entre pessoas do mesmo sexo/gênero ou “matrimônio igualitário”. A campanha eleitoral de 2018 já tinha sido marcada pela polarização em torno dessa oficialização legal: de um lado, o pastor evangélico conservador Fabricio Alvarado, candidato do Partido Restauración Nacional (PRN), contrário ao “matrimônio igualitário”; do outro, o comunicólogo, cientista político e professor universitário progressista Carlos Alvarado Quesada, do Partido Acción Ciudadana (PAC), favorável ao “matrimônio igualitário”.³² A curadora da sala me revelou que, desde o início, planejava incluir algo sobre a diversidade sexual e de gênero na exposição e que, ao apresentar o projeto, não houve objeção da então Ministra da Cultura e Juventude, nem do Conselho Administrativo (junta administrativa) ou da Diretora do Museu. Com essa exibição, reforça-se a “vocaçã” costarricense de respeito à diversidade cultural, principalmente após a vitória de Carlos Alvarado e a

³¹ Tradução livre do espanhol: “La comunidad LGBTQ+ históricamente ha vivido manifestaciones conservadoras en su contra; sin embargo, en las últimas décadas ha aumentado su visibilidad y ha alzado su voz a favor de la igualdad y en contra de la discriminación. Este grupo en mayo de 2020 logró el acceso igualitario a la unión civil, al matrimonio entre personas del mismo sexo y al derecho a la adopción conjunta. Costa Rica, un país que se ufana de su respeto a los derechos humanos, se había quedado atrás en legalizar dichas condiciones para estos costarricenses.”

³² Ver, sobre a polarização nas eleições presidenciais de 2018, em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-42884219>. Acesso em 11 de março de 2022.

aprovação do “matrimônio igualitário” e seus discursos em prol da “excepcionalidade sexo-genérica” costarriquenha.

Ao lado das fotografias e do texto sobre a diversidade sexual e de gênero, há, também com duas fotos e um texto, um alerta sobre a ascensão das igrejas evangélicas no país. Uma das fotos, em cores, mostra um culto evangélico (de autoria do diário *La Nación*), enquanto a outra, em preto e branco, mostra uma reunião da Igreja Anglicana na década de 1950 (imagem da coleção Robinson). O texto diz:

Embora a Costa Rica continue sendo um país majoritariamente católico, as igrejas evangélicas têm aumentado a sua presença social e política. As crenças religiosas ancestrais indígenas foram gravemente afetadas pela chegada dos espanhóis, fazendo do catolicismo a religião dominante. Hoje em dia, dois terços das pessoas que se dizem religiosas ainda são católicas. Desde o final do século XIX, a chegada de migrantes afrodescendentes do Caribe, bem como de alguns europeus e estadunidenses, levou a um aumento da presença de grupos protestantes históricos como anglicanos, batistas e metodistas. Cada grupo migrante trouxe consigo as suas crenças religiosas; assim, o judaísmo, o budismo e o islamismo também estão presentes, embora em menor escala. Nas últimas décadas, um dos grupos religiosos que mais cresceu foi o de evangélicos, atingindo quase 20% da população. Algumas das maiores denominações são as Assembleias de Deus, os Adventistas e os Evangélicos. No entanto, no início do século XXI, também 11% da população declarou não ter religião, uma parte da qual expressou ser abertamente agnóstica ou atea.³³

Desse modo, ao apresentar a polêmica oposição entre, de um lado, as forças moralistas conservadoras evangélicas e, de outro, as forças progressistas em prol da diversidade sexual e de gênero (e em geral, em prol da diversidade cultural), o Museu Nacional acaba por expor voluntariamente a fragilidade da discursividade nacional até então baseada na “excepcionalidade” costarriquenha e, por conseguinte, prenuncia o que alguns e algumas estudiosas/os vêm denunciando como a crise da *pura vida*. Mas, ao fazê-lo, o Museu Nacional também parece direcionar a/o visitante para a necessidade de se buscar um pacto social mais sólido, respeitoso da “excepcionalidade sexo-genérica”, que se afaste dos erros do passado (como a hiper-valorização da branquitude, dentre outros) e que mire numa espécie de “utopia cosmopolita” (GONTIJO, 2021; SANTOS, 2002) capaz de retomar, de fato, a *pura vida*. Um espelho intitulado “Legados e Desafios” (*herencias y retos*) coloca a seguinte pergunta à e ao visitante: “quem constrói a história hoje?” (*quiénes construimos la historia hoy?*). A resposta é refletida no espelho: todas as pessoas que olham através dele...

³³ Tradução livre do espanhol: “Aunque Costa Rica sigue siendo un país mayoritariamente católico, las iglesias evangélicas han aumentado su presencia social y política. Las ancestrales creencias religiosas indígenas fueron muy golpeadas por la llegada de los españoles; con lo cual, la religión católica pasó a ser la dominante. En la actualidad, todavía dos terceras partes de los creyentes son católicos. Desde finales del siglo XIX, la llegada de los migrantes afrodescendientes del Caribe, así como de algunos europeos y estadunidenses, conllevó una mayor presencia de grupos protestantes históricos como los anglicanos, los bautistas y los metodistas. Cada grupo migrante ha traído sus creencias religiosas; por eso, el judaísmo, el budismo e islamismo también están presentes, aunque en menor medida. En las últimas décadas, uno de los grupos religiosos que más ha crecido es el evangélico, alcanzando casi un 20% de presencia entre la población. Algunas de las denominaciones más grandes son las Asambleas de Dios, los Adventistas y los Evangélicos. Sin embargo, a inicios del siglo XXI, también un 11% de la población se declaró sin religión, de los cuales una parte expresó ser abiertamente agnósticos o ateos”.



Figura 11 - Detalhe da última parte da sala de história do Museu Nacional da Costa Rica (San José, Costa Rica).

Perspectivas: para manter a “excepcionalidade”?

Os Museus do Jade e do Ouro, cada um à sua maneira, trazem um considerável número de objetos que informam sobre a dualidade de gênero das sociedades pré-colombianas (GARGALLO, 2014; PAREDES, 2014; SEGATO, 2013) e até mesmo dos povos indígenas na atualidade e contribuem, desse modo, para o questionamento crítico da colonialidade de gênero (GONTIJO, 2021; LUGONES, 2008; SCHRAMM, 2017). Alguns objetos exibidos parecem sugerir a diversidade sexual e de gênero. Mas, talvez por prudência das/os arqueólogas/os, historiadoras/es e antropólogas/os envolvidas/os em sua interpretação, esses objetos acabam não sendo tratados como indicadores dessa diversidade. Esses dois museus e o Museu Nacional demonstram uma preocupação em oferecer chaves de interpretação para a reconstituição parcial de uma história longa que abarque o passado pré-colombiano, os impactos nefastos do colonialismo, as mazelas da formação da sociedade nacional “branca” e “masculina” pós-independência e os desafios atuais enfrentados pelos povos indígenas e populações etnicamente diferenciadas, o que faz desses museus espaços mais do que privilegiados de composição (ou avivamento) de memórias: são, principalmente, espaços de construção de questionamentos críticos, reflexivos e emancipadores que, deliberadamente ou não, parecem dialogar entre si para repensar a “consciência nacional”, a “discursividade nacional” e as diversas roupagens da “excepcionalidade” costarriquenha.

Ao mesmo tempo em que diversas/os pesquisadoras/es vêm prenunciando as nuances, denunciando seu alcance ou anunciando o fim da “excepcionalidade” e da *pura vida* (MORA e PÉREZ, 2009; ROVIRA, 2020a, 2020b), o Museu Nacional, levando em consideração a realidade da crise e sua possibilidade de superação, parece ter optado pela ousadia de trazer, para dentro da exibição sobre a his-

tória “em andamento”, elementos de reflexão que ponderam os desafios contemporâneos, sem o medo de expor uma posição demarcada em prol de um país mais justo. Esse país seria aquele, proposto nesse museu, etnicamente diverso, sem desigualdades socioeconômicas, rigoroso na preservação ambiental e no combate às mudanças climáticas e que valoriza os direitos das mulheres e respeita a diversidade sexual e de gênero.

A Costa Rica é um dos poucos países da América Latina que tem um museu (ainda virtual) dedicado às memórias de pessoas LGBTQIA+, o Museu da Identidade e do Orgulho (Museo de la Identidad y el Orgullo – MIO), iniciativa de fundamental importância para o combate à discriminação e ao preconceito.³⁴ Em San José, uma outra iniciativa bastante inovadora, embora bem distinta do MIO, é a do Centro Costarricense de Ciência e Cultura (Centro Costarricense de Ciencia y Cultura), que se encontra em um antigo presídio que reúne o Museu da Criança, a Galeria Nacional, o Teatro Auditório Nacional, um café, uma brinquedoteca, salas de atividades diversas e um pequeno museu que retrata a história do sistema penitenciário do país, da criminalidade e das políticas de combate à violência, além de denunciar que a privação de liberdade não diminui as taxas de criminalidade. Nesse museu, que ocupa algumas celas do antigo presídio, tenta-se reconstituir o cotidiano dos homens presos, incluindo-se, para minha surpresa, detalhes da sua vida sexual com outros homens e pessoas transsexuais e transgêneras, sem a emissão de juízos morais a respeito dessas práticas.

Obviamente, um museu exclusivamente sobre a memória da diversidade sexual e de gênero e um museu sobre o sistema penitenciário que inclui fatos sobre a diversidade sexual e de gênero vividos pela população carcerária são muito distintos entre si e não têm diretamente pretensões *nacionais*. Mas, poderiam – e devem – impactar positivamente na reelaboração de discursividades nacionais para evitar a reprodução de opressões do passado embutidas nas novas cruzadas morais conservadoras que se impõem pelo mundo afora e já desembarcaram na Costa Rica (ARGUEDAS, 2020).

A ousadia, o pioneirismo e o ineditismo, no que diz respeito à diversidade sexual e de gênero, que serviriam, desse modo, para reforçar ou repensar positivamente e configurar sobre novas bases a “excepcionalidade” costarricense nesses tempos de crise podem ter um preço para a sua manutenção que precisa ser cuidadosamente definido sem comprometer o pagamento da fatura. Para isso, deve-se evitar a valorização de uma visão demasiadamente heterocentrada e euro-estadunidense (moderna e ocidental) das experiências da diversidade sexual e de gênero e ter o cuidado de apresentar sempre a diversidade da diversidade sexual e de gênero em todas as suas múltiplas formas particulares. Para citar somente um exemplo, a conquista do direito ao “matrimônio igualitário” não resume, nem esgota, todas as reivindicações necessárias para o real respeito às expressões da diversidade sexual e de gênero.³⁵

O apagamento da diversidade sexual e de gênero em prol da heteronormatividade promovida, naturalizada e essencializada pelas discursividades médico-científicas, as normatividades jurídico-morais e as moralidades religiosas que

³⁴ Ver: https://www.instagram.com/museo_mio_cr/ ; <https://www.facebook.com/museomiocr/> ; https://mobile.twitter.com/museo_mio_cr . Páginas acessadas em 11 de março de 2022. Penso aqui no excelente trabalho realizado no Brasil pelas/os/es editoras/es da Revista Memórias LGBT+ e pela Rede LGBT de Memória e Museologia Social (<https://memoriaslgbt.com/>), assim como no pioneirismo dos esforços de pesquisa de Jean Baptista, docente da Universidade Federal de Goiás, Tony Boita, doutorando da Universidade Federal de Goiás e diretor do Museu das Bandeiras, e Bruno Brulon, docente da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, para citar somente alguns poucos nomes de pessoas que vêm se empenhando no estudo da diversidade sexual e de gênero nos campos da museologia e dos estudos de memória.

³⁵Ver, a esse respeito, os riscos do homonacionalismo (PUAR, 2007).

sustentam a governamentalidade biopolítica moderna desembocou, na atualidade, na imposição de um modelo identitário homossexual euro-estadunidense *respeitável*, em detrimento das inúmeras possibilidades reais de formas de ser, estar, pensar, desejar e atuar no mundo que definem particularmente a diversidade sexual e de gênero e que são, muitas vezes, consideradas como *abjetas*, inclusive na Costa Rica (ROJAS, 2019, 2021). Essa diversidade precisa adentrar os museus, principalmente os nacionais: os museus nacionais, para serem realmente *nacionais* – e logo, instituições com a função primordial de promoção de justiça social por meio da produção de conhecimentos emancipadores –, devem levar isso em consideração: contribuir para o esclarecimento da população, induzir a produção de conhecimentos críticos, reflexivos e engajados e, desse modo, constituir *patrimônios sociais*.

Recebido em 11 de março de 2022.
Aprovado em 27 de abril de 2022.

Referências

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ABU-LUGHOD, Janet. *Before European Hegemony*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- ACUÑA ORTEGA, Victor Hugo. “Nación y Clase Obrera em Centroamérica durante la Época Liberal (1870-1930)”. In: MOLINA JIMÉNEZ, I.; PALMER, S. (orgs.). *El Paso del Cometa. Estado, Política Social y Culturas Populares en Costa Rica (1800-1950)*. San José: Editorial Porvenir / Plumsock Mesoamerican Studies, 1994. pp. 145-165.
- ANDERSON, Benedict. *Under Three Flags: anarchism and the anti-colonial imagination*. Londres/Nova York: Verso, 2007.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARGUEDAS RAMÍREZ, Gabriela. *Políticas Antigênero em América Latina: Costa Rica*. Rio de Janeiro: G&PAL / ABIA, 2020.
- ARMSTRONG, John. *Nations Before Nationalism*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1982.

BAČOVÁ, Viera. The Construction of National Identity – on Primordialism and Instrumentalism. *Human Affairs*, 8 (1): 29-43, 1998.

BARTH, Fredrik. “Os Grupos Étnicos e suas Fronteiras”. In: *O Guru, O Iniciador e Outras Variações Antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. pp. 25-68.

BIDASECA, Karina; VAZQUEZ LABA, Vanesa (orgs.). *Feminismos y Poscolonialidad: descolonizando el feminismo desde y en América Latina*. Buenos Aires: Ediciones Godot Argentina, 2011.

BOLAÑOS ARQUÍN, Margarita; CARVAJAL MAYKALL, Kenneth. Relaciones entre la Universidad de Costa Rica y el Museo Nacional: Las pericias de la investigación antropológica costarricense. *Cuadernos de Antropología*, 16: 125-135, 2006.

BOURDIEU, Pierre. “A Economia das Trocas Linguísticas”. In: ORTIZ, R. (org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983.

BOZZOLI DE WILLE, María Eugenia. La Población Indígena, la Cultura Nacional y la Cuestión Étnica en Costa Rica. *Cuadernos de Antropología*, 8 (1): 23-40, 1992.

BOZZOLI VARGAS, María Eugenia. La Mentalidad Colonial: Una herencia perdurable. *Revista del Archivo Nacional de Costa Rica*, 85: 5-20, 2021.

BRENES TENCIO, Guillermo. Y Se Hizo la Imagen del Héroe Nacional Costarricense... Iconografía Emblemática de Juan Santamaría. *Historia Crítica*, 37: 26-53, 2009.

BRUBAKER, Rogers. *Nationalism Reframed*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O Movimento dos Conceitos na Antropologia. *Revista de Antropologia*, 36: 13-31, 1993. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111381>

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *El Tonto y los Canallas. Notas para um Republicanismo Transmoderno*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2019.

CASTRO-KLARÉN, Sara; CHASTEEN, John Charles. *Beyond Imagined Communities. Reading and Writing the Nation in Nineteenth-Century Latin America*. Baltimore: Johns Hopkins, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHASTEEN, John C. *Born in Blood & Fire: A concise history of Latin America*. Nova York / Londres: W. W. Norton & Company, 2016.

CHATERJEE, Partha. *The Nation and its Fragments: colonial and post-colonial histories*. Princeton: Princeton University Press, 1993.

CORRALES ULLOA, Francisco; CUBERO BARRANTES, Guillermo. De Cuarteles a Museos: Los museos y el discurso de la civilidad costarricense. *Cuadernos de Antropología*, 15: 11-23, 2005.

DAS, Venne; POOLE, Deborah. “State and Its Margins: Comparative ethnographies”. In: DAS, V; POOLE, D. (orgs.). *Anthropology in the Margins of the State*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

DÍAZ ARIAS, David. *La Construcción de la Nación: Teoría e historia*. San José: Editorial UCR, 2003.

DÍAZ ARIAS, David. *Crisis Social y Memorias en Lucha: Guerra civil en Costa Rica, 1940-1948*. San José: Editorial UCR, 2015.

DÍAZ ARIAS, David. Costa Rica: Anotaciones sobre la nación del bicentenario. *Revista del Archivo Nacional de Costa Rica*, 85 (1): e531, 2021a.

DÍAZ ARIAS, David. *La Independencia de Costa Rica: Historia, debate y conmemoración, 1821-2021*. San José: EUNED, 2021b.

ELIAS, Norbert. "Processes of State-Formation and Nation-Building". In: *Transactions of the 7th World Congress of Sociology, v. 3*. Genebra: International Sociological Association, 1972.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador – Volume 1*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

ERIKSEN, Thomas H. Ethnicity versus Nationalism. *Journal of Peace Research*, 28 (3): 263-278, 1991.

ERIKSEN, Thomas H. Place, Kinship and the Case for Non-Ethnic Nations. *Nations and Nationalism*, 10 (1/2): 49-62, 2004.

FERNANDES, Estêvão. Um Debate sobre Feminismos Decoloniais e suas Repercussões para Pesquisas em Povos Indígenas no Brasil. *Ártemis*, XXVIII (1): 38-51, 2019.

FERRY, Jean-Marie. "Pertinence du Postnational". In: DEWANDRE, N.; LENOBLE, J. (orgs.). *L'Europe au Soir du Siècle: identité et démocratie*. Paris: Esprit, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Sécurité, Territoire, Population. Cours au Collège de France (1977-1978)*. Paris: Gallimard / Seuil, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2007.

GARCÍA BUCHARD, Ethel (org.). *Imaginos de la Nación y Ciudadanía en Centroamérica*. San José: Editorial UCR, 2017.

GARGALLO, Francesca. *Feminismos desde Abya Yala. Ideas y Proposiciones de las Mujeres de 607 Pueblos en Nuestra América*. Ciudad de México: s/e, 2014.

GELLNER, Ernest. *Nations and Nationalism*. Ithaca: Cornell University Press, 1983.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: EdUnesp, 1991.

GONÇALVES, José Reginaldo. *Antropologia dos Objetos*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN, 2007.

GONTIJO, Fabiano. Política, Religião e Gênero nas Ilhas Maldivas: A construção de uma nação insular. *Revista de Antropologia*, 62 (3): 610-651, 2019.

GONTIJO, Fabiano. Nação, Simbolismo e Revolução na Ucrânia: Experiência etnográfica tensa na/da liminaridade. *Revista de Antropologia*, 63 (3): e178853,

2020.

GONTIJO, Fabiano. Diversidade Sexual e de Gênero, Geo(necro)política e Alternativas Heterotópicas. *ACENO: Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8 (16): 15-40, 2021.

GONTIJO, Fabiano; ARISI, Barbara; FERNANDES, Estêvão. *Queer Natives in Latin America*. Cham: Springer, 2021.

GUÉHENNO, Jean-Marie. *La Fin de la Démocratie*. Paris: Flammarion/Champs, 1999.

GUTIÉRREZ SION, Juan; MOYA ABURTO, César. Pueblos Indígenas y Estado Costarricense: Disputa de derechos y control territorial. *Revista Rupturas*, 8 (2): 169-192, 2018.

HABERMAS, Jürgen. *Après l'État-Nation: Une nouvelle constellation politique*. Paris: Fayard, 2000.

HERRA CASTRO, Ernesto. La Vorágine Étnica: A dos siglos del mito de la independencia. *Revista del Archivo Nacional de Costa Rica*, 85: e535, 2021.

HOBSBAWN, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HUTCHINSON, John. Ethnicity and Modern Nations. *Ethnic and Racial Studies*, 23 (4): 651-669, 2000.

KEN'ICHI, Ōmae. *The End of Nation State*. Nova York: Free Press Paperbacks, 1996.

KÖNIG, Hans Joachim. Discursos de Identidad, Estado-Nación y Ciudadanía em América Latina. *Historia y Sociedad*, 11: 10-31, 2005.

LOMNITZ, Claudio. "Nationalism as a Practical System. Benedict Anderson's Theory of Nationalism from the Vantage Point of Spanish America". In: CENTENO, M. A.; LÓPEZ-ALVES, F. (orgs.). *The Other Mirror. Grand Theory Through the Lens of Latin America*. New Jersey: Princeton University Press, 2001.

LUGONES, María. "Colonialidad y Género: hacia un feminismo descolonial". In: MIGNOLO, W. (org.). *Género y Descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Siglo, 2008. pp. 13-55.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da Enunciação*. Curitiba: Criar Edições, 2006.

MOLINA JIMÉNEZ, Iván. *Costarricense por Dicha: Identidad nacional y cambio cultural en Costa Rica durante los siglos XIX y XX*. San José: Editorial UCR, 2002.

MORA SALAS, Minor; PÉREZ SÁINZ, Juan Pablo. *Se Acabó la Pura Vida: Amenazas y desafíos*. San José: FLACSO, 2009.

MURILLO CHAVERRI, Carmen. Etnicidad y Participación en la Costa Atlántica de Costa Rica. *Cuadernos de Antropología*, 8 (1): 41-52, 1992.

PAREDES, Julieta. *Hilando Fino desde el Feminismo Comunitario*. México: Cooperativa El Rebozo, 2014.

- PUAR, Jasbir K. *Terrorist Assemblage: homonationalism in queer times*. Durham: Duke University Press, 2007.
- RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. *Signs* 5(4): 631-660, 1980.
- RODRÍGUEZ SÁENZ, Eugenia. *Las Familias Costarricenses Durante los Siglos XVIII, XIX y XX*. San José: Editorial UCR, 2018.
- ROJAS HERRA, Luis Alonso. Buscando el Amor en el Lugar Equivocado: Prácticas sexuales disidentes entre hombres como mecanismo de producción de espacio homoerótico y configuración de identidades sexuales indómitas. *La Ventana. Revista de Estudios de Género*, 49: 9-44, 2019.
- ROJAS HERRA, Luis Alonso. Trans-Territorialización, Parte I: Lo epistémico. *Disenso. Crítica y Reflexión Latinoamericana*, 4 (1): 82-109, 2021.
- ROVIRA MAS, Jorge (org.). *Desafíos Políticos de la Costa Rica Actual*. San José: Editorial UCR, 2020a.
- ROVIRA MAS, Jorge (org.). *Costa Rica Hoy: La crisis y sus perspectivas*. San José: Editorial UCR, 2020b.
- SAHLINS, Marshall. O “Pessimismo Sentimental” e a Experiência Etnográfica – Parte I. *Mana*, 3 (1): 41-73, 1997a.
- SAHLINS, Marshall. O “Pessimismo Sentimental” e a Experiência Etnográfica – Parte II. *Mana*, 3 (2): 103-150, 1997b.
- SÁNCHEZ CORRALES, Victor. Independencia, Identidad y Letras Costarricenses: El afloramiento de una conciencia nacional. *Revista del Archivo Nacional de Costa Rica*, 85 (1): e524, 2021.
- SANJINÉS, Javier. The Nation: An imagined community? *Cultural Studies*, 21 (2-3): 295-308, 2007.
- SCHRAMM, Christina. Teorizando Queer desde las Américas. *Cuadernos Intercambio sobre Centroamérica y el Caribe*, 14 (2): 96-119, 2017.
- SEGATO, Rita. “Género y Colonialidad: Del patriarcado comunitario de baja intensidad al patriarcado colonial moderno de alta intensidad”. In: SEGATO, R. *La Crítica de la Colonialidad en Ochos Ensayos e una Antropología por Demanda*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2013. pp. 69-100.
- SEGOVIA-FUENTES, María Bernarda. Crecimiento Urbano: Enfoque territorial fuera de la Gran Área Metropolitana y la provincia de Limón. *Acta Académica*, 63: s/p, 2018.
- SMITH, Anthony D. *The Ethnic Origins of Nations*. Oxford: Blackwell, 1986.
- SMITH, Anthony D. *National Identity*. Londres: Penguin Books, 1991.
- SMITH, Anthony D. *Nations and Nationalism in a Global Era*. Cambridge: Polity, 1995.
- SOLÓRZANO FONSECA, Juan Carlos. *La Sociedad Colonial 1575-1821*. San José: Editorial UCR, 2018.
- SOTO QUIRÓS, Ronald; DÍAZ ARIAS, David. *Mestizaje, Indígenas e Identidad Nacional en Centroamérica: De la colonia a las repúblicas liberales*. San José: FLACSO, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Crítica da Razão Indolente. Por um Novo Senso Comum*. São Paulo: Cortez, 2002.

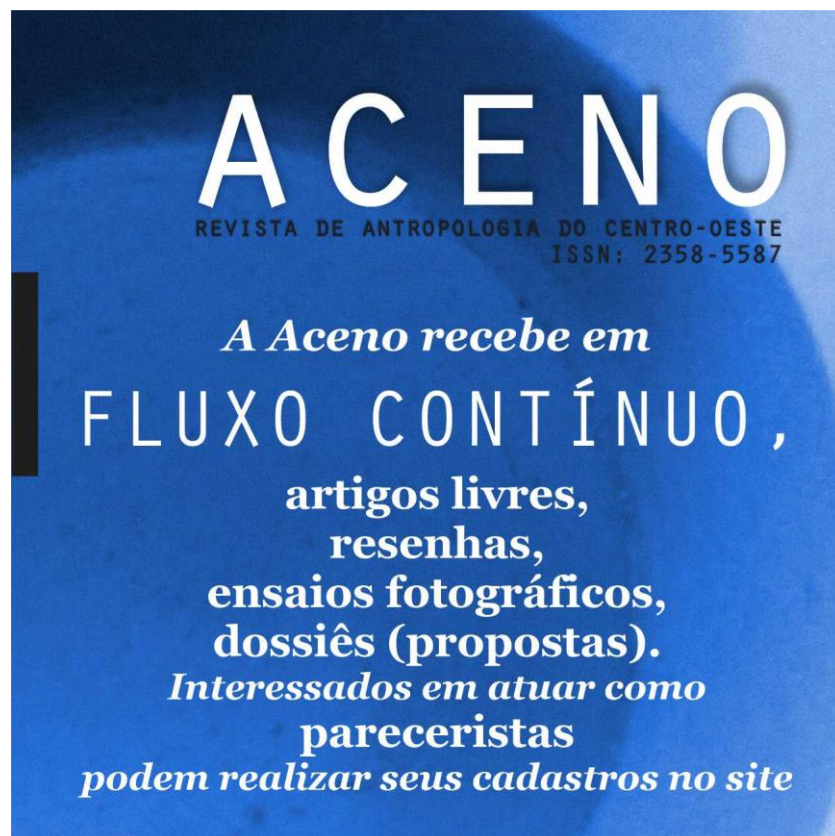
TILLY, Charles (orgs.). *The Formation of National States in Western Europe*. Princeton: Princeton University Press, 1975.

TROUILLOT, Marc-Rolph. *Transformaciones Globales*. Popayán: Universidad del Cauca, 2010.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World System*. Nova York: Academic Press, 1974.

WARNER, Michael. *Fear of a Queer Planet*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

WIMMER, Andreas. The Making and Unmaking of Ethnic Boundaries. A Multi-level Process Theory. *American Journal of Sociology*, 113 (4): 970-1022, 2008.



ACENO
REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

A Aceno recebe em
FLUXO CONTÍNUO,
artigos livres,
resenhas,
ensaios fotográficos,
dossiês (propostas).
Interessados em atuar como
pareceristas
podem realizar seus cadastros no site